

# Pouca esperança para a Alemanha

[instituliberal.org.br/blog/politica/pouca-esperanca-para-a-alemanha/](https://instituliberal.org.br/blog/politica/pouca-esperanca-para-a-alemanha/)

ThemeGrill

25/11/2024



O chanceler alemão Olaf Scholz (SPD) demitiu o ministro das Finanças, Christian Lindner (FDP), e fez um discurso agressivo atacando Lindner pessoalmente. Essa é uma mudança drástica de tom para o geralmente calmo chanceler, que está furioso porque percebeu que sua carreira política está além de qualquer salvação.

Desde o início, a coalizão entre os dois partidos de esquerda, o SPD e os Verdes, e o partido liberal pró-mercado, o FDP, estava em terreno instável. Os Verdes sempre pressionaram por uma transição para uma economia planejada e ecológica, e tanto o SPD quanto os Verdes defendem mais dívida pública, impostos mais altos e maior intervenção do Estado. Em contraste, o FDP quer uma economia mais orientada pelo mercado. Essas diferenças fundamentais alimentaram conflitos contínuos dentro do governo.

A Alemanha voltou a ser o “homem doente” da Europa, como no final dos anos 1990. No entanto, é importante reconhecer que os problemas do país não surgiram da noite para o dia; eles começaram muito antes do atual governo “semáforo” (apelido da coalizão “Ampel”, em referência às cores vermelho, amarelo e verde dos três partidos). E esses problemas têm um nome: Angela Merkel. Seja a desativação da energia nuclear, a proibição dos motores a combustão, a política migratória fracassada, a infraestrutura deteriorada ou um exército que só conseguiria defender a Alemanha por poucos dias – todos esses problemas começaram no governo Merkel, não no governo Scholz.

Após a saída de Merkel, uma mudança radical de direção era necessária. No entanto, o ministro da Economia Verde, Robert Habeck, e o chanceler Scholz não apenas mantiveram as políticas fracassadas de Merkel como ainda as intensificaram. Scholz se orgulhava ao ser fotografado fazendo o gesto de mãos em forma de diamante, característico de Merkel, posicionando-se como seu sucessor natural.

O FDP aceitou tudo isso por tempo demais e perdeu a confiança de dois terços de seus eleitores. Apesar de ter alcançado 11,5% dos votos nas eleições federais de 2021, as pesquisas atuais colocam o partido entre 3 e 4%. O FDP deveria ter rompido com a coalizão há muito tempo. A extremamente impopular Lei do Aquecimento, pela qual o ministro da Economia Verde impôs aos cidadãos quais sistemas de aquecimento poderiam instalar, teria sido uma boa oportunidade para deixar o governo – assim como a desativação da energia nuclear e a proibição dos motores a combustão. O FDP perdeu essas oportunidades e agora precisa fazer uma autocrítica dos erros do passado e se reposicionar.

Tudo vai melhorar quando o ministro da Economia, Habeck, voltar à sua antiga profissão e escrever livros infantis? Não tenho muita esperança. Sim, os Democratas-Cristãos, sob a liderança de Friedrich Merz, se moveram na direção certa e corrigiram seu rumo em comparação à era Merkel, especialmente em relação à política migratória. Mas sem uma reavaliação minuciosa e autocrítica da era Merkel, a CDU enfrentará dificuldades. Até agora, Merz não teve coragem de fazer isso porque há muitos discípulos de Angela Merkel em seu partido. Mais recentemente, a CDU se ridicularizou ao aproximar-se da socialista Sahra Wagenknecht e de seu novo partido, BSW, que se opõe à OTAN, ao apoio à Ucrânia e defende mais socialismo na política econômica interna. A CDU declarou estar disposta a cooperar com esse partido em algumas regiões da Alemanha.

A Alternativa para a Alemanha (AfD), partido de direita que atualmente registra cerca de 20% nas pesquisas, cresceu porque a CDU e o FDP negligenciaram questões-chave, como migração, correção política e energia nuclear. Os adversários da AfD fizeram um grande favor ao partido ao tentar enfrentá-lo no campo da política migratória — justamente onde a AfD tem o maior apoio entre os eleitores. Infelizmente, a AfD também não é uma alternativa, especialmente porque seus líderes, em particular Tino Chrupalla, banalizam sistematicamente o imperialismo russo e até atuam como a quinta coluna de Moscou nos debates parlamentares.

Os Verdes perderam força. Isso é uma das poucas coisas que podemos agradecer à coalizão “semáforo”. Os últimos anos abriram os olhos de muitas pessoas para esse partido de sabe-tudo arrogantes. Mas ainda resta um núcleo duro de cerca de 12% que permanece fiel a esses eco socialistas.

Existe uma solução de curto prazo para melhorar as condições na Alemanha? Haverá novas eleições no dia 23 de fevereiro. E depois? A CDU está com pouco mais de 30% nas pesquisas e já afirmou que não quer formar uma coalizão com a AfD. Isso deixa o

FDP, que, supondo que consiga entrar no Bundestag, não seria suficiente para uma maioria. Assim, a CDU fica com a opção de formar um governo com um dos dois partidos de esquerda, os Verdes ou o SPD.

A Alemanha não terá um futuro até que um chanceler faça um discurso em que declare audaciosamente: “A transição energética e de mobilidade fracassou. Declaro aqui o fim dessas políticas equivocadas. Em relação à migração, seguiremos agora os exemplos de Suécia, Dinamarca, Países Baixos e Polônia. Com os bilhões liberados pelo fim de projetos ideológicos, dobraremos nosso orçamento de defesa para 4% do PIB.”

Infelizmente, não vejo a Alemanha tendo um líder tão transformador tão cedo. Implementar mudanças na escala das transformações alcançadas por Maggie Thatcher, Ronald Reagan ou Javier Milei exigirá primeiro uma mudança fundamental de mentalidade. Isso leva tempo. Não há muita esperança a curto prazo.

Copyright © 2024 [Instituto Liberal](#). Todos os direitos reservados.

Tema: ColorMag por [ThemeGrill](#). Powered by [WordPress](#).